

ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM SÍNDROME DE DOWN

Aluno: STÉPHANIE DE ASSIS XAVIER
Coordenador (a) GILSENIRA DE ALCINO RANGEL

- 1 Universidade Federal de Pelotas – stephassisxavier@gmail.com**
2 Universidade Federal de Pelotas – gilsenira_rangel@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A alfabetização se constitui em meio de tornar as pessoas cidadãs. Em se tratando de pessoas com deficiência, essa aquisição pode ter um significado ainda maior, uma vez que, não raras vezes, se sentem excluídas da sociedade. Este trabalho tratará de descrever nossa experiência em uma turma de alfabetização de jovens e adultos com Síndrome de Down, realizado na Faculdade de Educação.

O projeto tem como um de seus objetivos principais a inserção das pessoas com Down e Deficiência Intelectual no mundo da escrita tendo em vista sua melhoria na qualidade de vida, visando contribuir de alguma forma um dos desafios vividos em seu dia-a-dia.

Como aporte teórico, temos os estudos de FREIRE(1996). “ [...] professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria.”

Outra autora que vem nos fornecer embasamento da prática é SÁ (2010, pag. 12.), pois

“ [...] A imagem que o educador faz da criança é que vai orientar suas escolhas. Se o educador considera a criança como um recipiente que deverá receber tudo o que ele (educador) sabe, pois é quem detém o saber, a organização do trabalho pedagógico seguirá tal princípio; mas, diferentemente disso, se a imagem que se tem é de a criança potente, forte, poderosa, capaz de construir estratégias de aprendizagem, atenta a sua atualidade, que toma decisões e que, na interação com o outro, constrói conhecimento, tal imagem conduzirá outro modo de organizar a proposta pedagógica.”

2. METODOLOGIA

Este relato é baseado em nossa experiência de bolsista-ministrante do Projeto Novos Caminhos. O projeto existe desde 2007. No entanto, a turma em que a experiência é realizada, existe desde novembro de 2009. O projeto ocorre em salas de aula da Faculdade de Educação, na Universidade Federal de Pelotas, nas segundas, quartas e sextas-feiras, pela manhã.

Uma vez por semana as alunas da Pedagogia que ministram as aulas se reunem com a coordenadora e a psicopedagoga para realizar o planejamento das aulas e conversar sobre o desempenho e progresso que cada aluno tem durante o processo. A turma sobre qual está baseada este relato atende a nove alunos, seis com Síndrome de Down e três com Deficiência Intelectual.

As atividades são planejadas conforme a dificuldade de cada um e, sempre que possível, são apresentados alguns exercícios de fixação lúdicos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o trabalho que vem sendo desenvolvido, os alunos estão conseguindo passar de uma situação de não-alfabetizados a alfabetizados e letrados, cada um no seu tempo.

Não há, na turma, homogeneidade quanto aos níveis de alfabetização. Alguns alunos estão alfabetizados, precisando exercitar a leitura e a compreensão, outros se encontram em estágios iniciais de alfabetização.

Devido a essa diferença procura-se sempre oferecer atividades que atendem a cada necessidade diferente.

No projeto desde junho do corrente ano, atuo como ministrante na turma de alfabetização. O trabalho se dá em equipe, onde se encontra em sala de aula uma bolsista e uma acadêmica voluntária.

As atividades são planejadas de acordo com o nível cognitivo em que cada aluno se encontra. Assim, temos dentro da mesma sala, níveis diferentes que exigem atividades diferenciadas; todas, porém, abordando o mesmo tema.

Como exemplo, cito uma das aulas em que foram levadas atividades de matemática, e enquanto um grupo trabalhava os números e a escrita o outro, um pouco mais desenvolvido neste processo, trabalhava a quantidade.

Durante esse pouco tempo de atuação, pude perceber em um de nossos alunos algumas dificuldades maiores não só em relação à escrita, como também na concentração, dificultando o interesse e, por conseguinte, a participação nas atividades. Em conversa com a família foi descoberto que o mesmo escrevia e gostava de mexer em computador e que fazia isso com autonomia. Vislumbrei nesse momento uma oportunidade de motivar esse discente para a aula dando acesso a um computador notebook. Assim, começamos algumas atividades digitais que trabalham a leitura e a escrita. O aluno mostrou-se motivado e a equipe do projeto igualmente. Agora utilizamos, em alguns dias da semana, um computador fornecido pelo projeto.

Outro fato que me chama a atenção é o intuito do Projeto em despertar o interesse pela leitura. Para isso, buscamos sempre começar a aula com alguma leitura e trabalhar a partir da história. Vale lembrar que o processo de alfabetização se dá aqui com jovens e adultos, portanto, são leituras e histórias adequadas às suas respectivas idades, respeitando o saber e a capacidade do aluno tentando não infantilizá-los. Muitas vezes essa leitura dá origem aos trabalhos que serão desenvolvidos a seguir em que separamos em grupos de estudo, assim, com quem já consegue escrever, trabalhamos a leitura de sílabas e palavras e com quem ainda apresenta dificuldade na escrita, trabalhamos o reconhecimento das letras.

4. CONCLUSÕES

Os relatos aqui feitos mostram-nos que a alfabetização de pessoas com Síndrome de Down e Deficiência Intelectual é possível quando levadas em considerações as diferenças individuais, o tempo de cada aluno, a motivação, o prazer.

Outro fator que merece destaque é o respeito dedicado aos alunos dentro de sala de aula conforme pregado por FREIRE (1996). Segundo o autor, devemos ter respeito aos saberes do educando, nunca subestimando, e sim acreditando no compartilhamento de conhecimento.

No projeto consideramos que cada aluno tem potencial e é capaz de aprender dentro do seu próprio ritmo de aprendizagem. Respeitamos o seu tempo, sua capacidade de interação e, com isso, colhemos situações de aprendizagem que chegam a emocionar pelo sentido que os alunos atribuem a elas.

Em sala de aula enfrentam-se desafios todos os dias, mas com vontade o projeto cresce quando os alunos mostram suas evoluções, isso faz termos esperança. Uma frase citada por um deles acreditamos que vale colocar é “ Meu sonho é ter um diploma.” Juntamente com todos envolvidos nesse sonho acreditamos que um diploma é muito mais que um papel e sim o certificado de que estes são capazes, de reconhecimento não só como pessoas mas como cidadãos, é trabalhando com esses sonhos e com pessoas que tem vontade de realizá-los que o projeto Novos Caminhos segue dentro de um objetivos principais de não só ensinar a ler e a escrever, mas de inclusão social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17^a. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo, Paz e terra, 1996.

SÁ, A.. **Um olhar sobre a abordagem educacional de Reggio Emilia**. Belo Horizonte, ano 7, n. 8, p.63. Belo Horizonte, revista Paideia, 2010.